

## DNOTICIAS.pt - Serviço de documentação e impressão

**Ricardo Fabrício, Professor do Departamento de Gestão e Economia da UMA**

### [O esgotamento da civilização do crédito](#)

o sentido de posse reinante é virtual e aos poucos implicou o desapego pela posse efectiva da propriedade.

Data: 07-05-2009

Em pleno período pós-choque petrolífero (1975), com a economia mundial ainda a braços com as mazelas provenientes de uma alteração profunda na lógica socioeconómica dominante, os Supertramp editaram um álbum, cujo título comportava uma boa dose de ironia. O álbum a que me refiro dava pelo nome "Crisis? What crisis?" e passado todo este tempo - mais de 30 anos sobre a sua edição - continua a ser um título bem actual para retratar a actualidade socioeconómica que vivemos. Só que entretanto passaram-se 34 anos... e eu pergunto-me: como é possível? Se há uma hipótese que resulta do descalabro financeiro que nos têm assolado desde Setembro de 2008, parece-me ser a que aponta para o possível esgotamento de um determinado modelo civilizacional. Esta forma rotineira de viver, este estado permanente de crise, não será indiciadora de algo bem mais vasto que está a acontecer no plano social global? Quando parte substancial da civilização contemporânea, depende largamente do empréstimo de recursos financeiros para se suster, em regime permanente e intensivo, não é a elasticidade do modelo subjacente que está em causa? Segundo Joseph Schumpeter, o desenvolvimento económico decorria da articulação de três elementos: a (re)combinação dos meios de produção, a utilização do crédito e a acção do seu elemento fundamental do sistema capitalista - o empresário. E eu pergunto: não estaremos no início de uma nova era na utilização do segundo elemento (o crédito)? Mais do que o logro da fábula económica neoliberal, a fragilidade dos desígnios do mercado auto-regulado, as motivações questionáveis e (por vezes) intangíveis dos actores económicos ou mesmo as dinâmicas anacrónicas das suas instituições reguladoras, os acontecimentos que temos assistido nos últimos meses mostram - a meu ver - como a civilização do crédito, que edificámos nos últimos 40/50 anos, estará à beira do esgotamento. Tornou-se vítima do seu próprio crescimento (por empréstimo, é claro), de tipo contínuo-linear em que se projectou e ergueu, tendo por referência um suposto infinito económico, potencialmente elástico, no âmbito do qual a ostentação daquilo que se tomou por empréstimo acabou por se confundir com o que efectivamente se detinha.

Os exemplos surgem a rodos: compraram-se casas com o crédito; adquiriram-se automóveis, com crédito, através de renting, leasing ou alugueres de longa duração. Levou-se para as casas compradas, com o dinheiro emprestado pelos bancos e conduzindo automóveis cedidos, toda uma panóplia de bens -isto para nem sequer falar dos serviços! - que implicaram a utilização de somas astronómicas de crédito. Acedeu-se a quase tudo (posse virtual), sem ter o suficiente para deter a posse efectiva... e o resultado parece estar bem à vista. Só que agora - e para já - será difícil continuar a alimentar esta miragem económica, baseada num elástico económico chamado potencial de crédito.

Efectivamente, o sentido de posse reinante é virtual e aos poucos implicou o desapego pela posse efectiva da propriedade, como que corroborando na contemporaneidade a existência de níveis de conforto usufruídos de acordo com um critério de utilização, regra geral, indexados à modalidade de hipoteca vitalícia; e tudo indica esta será parte substancial da herança que receberão as gerações futuras.

© Está expressamente proibida a distribuição e a utilização dos diferentes conteúdos dos serviços do DNOTICIAS.pt, sem consentimento prévio da Empresa Diário de Notícias, Lda.